

CAPÍTULO 8

QUESTÕES GEOPOLÍTICAS NA UCRÂNIA PRÉ INVASÃO RUSSA

Dante Severo Giudice
André Lucas Palma Barbosa
Jailton Nunes

RESUMO

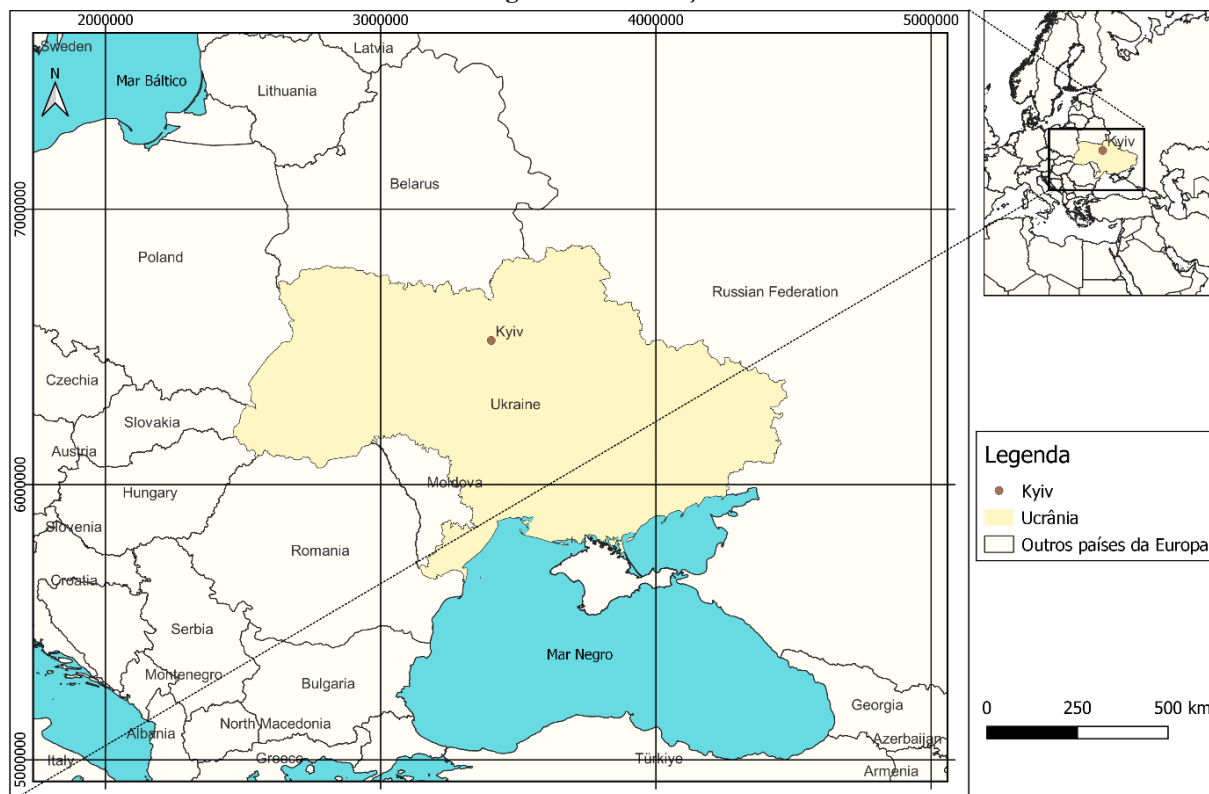
A Ucrânia é um país da Europa Oriental que tem sua história muito ligada a Rússia e as suas diversas facetas, como a URSS e CEI. Desta forma as questões geopolíticas ucranianas em sua quase totalidade envolvem problemas ligados aquele país, e esteve subjulgada à Rússia até sua independência, com a dissolução da URSS, em 1991. Esta subjugação foi a causa, praticamente, de todos os problemas ucranianos. Assim o objetivo deste artigo é analisar suas questões geopolíticas e como elas interferem nos problemas internos do país, gerando instabilidade, e também ameaça de secessão, já que a porção oriental quer uma reaproximação com a Rússia, e a parte oriental quer se aproximar da Europa, com o propósito de vir a participar da União Européia.

PALAVRAS CHAVES: Ucrânia. Geopolítica. URSS. CEI.

1. INTRODUÇÃO

A **Ucrânia** é um país da Europa Oriental. Faz fronteira a norte com a Bielorrússia, a norte e a leste com a Rússia, a sul com o Mar de Azov e o Mar Negro, e a oeste com a Roménia, a Moldova, a Hungria, a Eslováquia e a Polónia (Figura 1).

Figura 1: Localização.



Fonte: Autoria própria (2023).

Com o fim da Guerra Fria, o mundo ocidental, através das instituições que muito bem as representava, a OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte, e a UE – União Européia, iniciaram um processo de expansão, na direção do oriente, sobre a área de influência russa. Oficialmente se justificava que esta atividade tomava como referencia, a hipótese de que a segurança continental estava atrelada a implantação de regimes com democracia política e economia de mercado, uma vez que esta não era a prática dos países que se tornaram independentes na fragmentação da União Soviética. Entretanto isso ia de encontro aos interesses da Rússia, que foi contemplada com a criação da CEI e mantinha as ex-repúblicas sob o mesmo regime de repressão, impondo suas políticas e influenciando internamente em todas elas. Este fato levou aos grandes problemas geopolíticas enfrentados pela Ucrânia.

Desde sua independência, a Ucrânia trava uma luta contra a agressão externa do poderoso país vizinho (Rússia), que vem agredindo a sua soberania sob o pretexto de necessidade de proteção de interesses de uma minoria étnica que, aliás, não pediu a ele essa ajuda. A Ucrânia defende o seu direito de escolher o seu próprio caminho de desenvolvimento, a sua capacidade de continuar o progresso sustentável do país com base em seu próprio potencial humano e tecnológico.

A pesquisa teve como base a consulta bibliográfica e documental, em livros, artigos e sites que tratam do assunto. Por trás de toda a movimentação que envolve as questões geopolíticas, estão os interesses econômicos, já que o país é rico em recursos naturais, particularmente minérios. Se, por um lado, o país apresenta grande dependência da importação de gás natural e petróleo, por outro, o país possui importantes fontes de energia, como o carvão. Além disso, a Ucrânia possui uma das maiores reservas de urânio do mundo. Além disso o escoamento de metade do gás russo para a Europa, atravessa o território ucraniano.

2. A GEOPOLITICA EUROPÉIA

A geopolítica tem inúmeras definições. Entretanto, para Vesentini,

A geopolítica (hoje) seria uma área ou campo de estudos interdisciplinar. Esta interpretação começa a predominar a partir do final dos anos 1980, sendo quase um consenso nos dias atuais. Não se trata tanto do que foi a geopolítica e sim do que ela representa atualmente. E mesmo se analisarmos quem fez geopolítica, os "grandes nomes" que teriam contribuído para desenvolver esse saber, vamos concluir que eles nunca provieram de uma única área do conhecimento: houve juristas (por exemplo, Kjellén), geógrafos (Mackinder), militares (Mahan, Haushofer) e vários outros especialistas (VESENTINI, 2017, p. 3).

A geopolítica europeia se caracteriza pela diversidade de interesses, tendo em vista que lá se concentra o maior número de países ricos, e os herdeiros dos antigos impérios coloniais que foram responsáveis pela dominação de todo o planeta.

Segundo Antunes,

A Geopolítica da Europa, apesar de não possuir um território extenso, é dividida em numerosos países pequenos e médios. Alguns como, Vaticano, Mônaco e San Marino, não são maiores do que uma cidade; outros são pouco mais extensos: Liechtenstein, Malta e Andorra. Fora a Rússia, os maiores países são a França e Espanha, menores que alguns estados brasileiros, como Bahia e Minas Gerais. No total, a Europa há 48 nações, em que imperam sistemas de governo republicanos e, em alguns casos, monárquicos. Todos os países podem ainda ser classificados como pertencentes à Europa Oriental ou Ocidental, divisão que coincide com a estrutura político-econômica adotada pelos Estados europeus após a Segunda Guerra Mundial; os países socialistas faziam parte da Europa Oriental, em que o Estado centralizava as atividades econômicas, enquanto os países capitalistas, em que a economia baseava-se baseava na livre iniciativa, localizavam-se na Europa Ocidental (ANTUNES, 1991, p. 57).

Após a Segunda Guerra Mundial, os grandes impérios coloniais sofreram um “desmonte” provocado pela falência devido aos custos da guerra, e também pela nova visão de que é mais viável optar pela dominação econômica que pela dominação política. A partir daí os países da Europa se viram envolvidos na divisão ideológica do mundo – Guerra Fria – e “associados” aos principais vencedores da guerra. Desta forma, em linhas gerais, a Europa Ocidental ficou submetida aos EUA de linha capitalista, e a Europa Oriental, à URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - de linha socialista/comunismo. A partir daí, todos os conflitos no continente se deram em função desta dicotomia ideológica, até a queda e fragmentação da URSS, em 1989, que teve como marco, a queda do muro de Berlim. Desde então uma nova configuração geopolítica/ideológica se estabeleceu, com os países da chamada “Cortina de Ferro”, e algumas repúblicas da URSS, optando pela “independência” e aproximação com a Europa Ocidental, visando a entrada na U.E., ficando as demais repúblicas europeias da ex-URSS, ligadas à Rússia, que passou a liderar a CEI - Comunidade dos Estados Independentes, embora na verdade isso representasse uma velada continuidade da URSS, onde a “independência” era controlada pela Rússia.

Na antiga URSS, a política de russificação desenvolvida na época dos czares e continuada pelos soviéticos, fez com que se criassem enclaves russos em todas as repúblicas (Andrade, 1996).

Muitos outros conflitos aconteceram no continente, com viés geopolítico, tais como fragmentação de países, ingresso de outros na U.E., saída do Reino Unido do bloco, ameaça de

outros de seguir o mesmo caminho, eclosão de movimentos separatistas, como da Catalunha, enfim um caldeirão geopolítico em ebulição.

É neste contexto que se enquadra a questão da Ucrânia, com podera Costa,

[...] o poder de diferenciação política do organismo estatal-territorial, constitui-se num fator essencial nas políticas e na gestão do território. Essa diferenciação dar-se-á preferencialmente por processos de *dissociação*, [...]. O resultado é que os organismos estatais-territoriais, tenderiam estruturalmente à *fragmentação interna*, o que levaria necessariamente a uma valorização política diferenciada das porções do território (COSTA, 1992, p. 22).

Segundo Fernandes (2019),

A Europa apregoa elevados valores morais, mas cede quase sempre quando estão em causa interesses que envolvem grandes potências como a Rússia ou a China, ou até médias potências com capacidade de retaliar como a Turquia — basta ameaçar abrir a porta aos migrantes/refugiados. Este é o pior resultado para os europeus. Nem temos uma Europa genuinamente coerente com os seus valores internos na política externa, algo que os seus rivais e inimigos exploram até à exaustão para a descredibilizar; nem temos uma Europa forte e credível geopoliticamente nas grandes questões mundiais, ainda que à custa de abandonar a pretensão de uma política externa coerente com os valores internos. O que temos é uma Europa perdida no mundo da geopolítica que não faz bem uma coisa nem outra (FERNANDES, 2019, p. 13).

E infelizmente esta é a realidade atual, o continente que no passado estabelecia as “normas” da geopolítica mundial, torna-se “satélite” no contexto contemporâneo.

3. BREVE HISTÓRICO DA UCRÂNIA

Os primeiros casos de assentamento humano na Ucrânia datam de 6.450 a.C. As populações da Cultura Cucuteni-Trypillian durante a Idade do Cobre, residiam na porção oeste do que hoje é a atual Ucrânia, enquanto que a Cultura Sredny Stog se localizava mais a leste, sendo que esta foi sucedida posteriormente no início da Idade do Bronze pela Cultura Yamna ("Kurgan") das estepes e pela Cultura Catacumba no terceiro milênio a.C.

Para Magocsi (1996),

Durante a Idade do Ferro, outros povos emergiram na região como os Dácios, Cimérios, Citas, Sármatas e outras tribos nômades. Colônias da Grécia Antiga foram fundadas no século VI a.C. na costa nordeste do Mar Negro. O território da atual Ucrânia também esteve sobre o domínio dos Império Romano e Império Bizantino, mas foi também invadido Godos, Ostrogodos e Hunos. No vácuo deixado por estes povos, emergiram tribos eslavas que começaram a expandir sobre o atual território da Ucrânia durante o século V. No século VII, o território da moderna Ucrânia era o centro do estado dos Protobúlgaros, também referido como Grande Bulgária Antiga. Ao final do século VII, a maior parte das tribos búlgaras migraram para diversas regiões e os que ficaram no estado foram absorvidos pelos Czares, um povo seminômade da Ásia Central (MAGOCSEI, 1996, p. 20).

Durante os séculos X e XI, o território da Ucrânia tornou-se o centro de um Estado poderoso e prestigioso na Europa, a Rússia de Quieve, o que estabeleceu a base das identidades

nacionais ucraniana e das demais nações eslavas orientais nos séculos subsequentes (ex.: russos, ucranianos e bielorrussos). No século XII, com a morte de Mistislau, ocorreu um processo de fragmentação, apesar dos esforços em contrário durante os reinados de Vladimir II Monômaco (1113–1125) e de seu filho Mistislau I (1125–1132). A invasão tártara-mongol do século XIII conferiu ao principado o golpe de misericórdia, do qual nunca se recuperaria. Em meados do século XIV passou a constituir a Comunidade Polaco-Lituana (entre 1300 e 1600 d.C.), como o estado de Galícia-Volínia, período muito conturbado, alternando dominação lituana e polonesa, com grande influência religiosa, entre o catolicismo romano e a igreja ortodoxa.

Entre os séculos XVII e XIX, a região da atual Ucrânia foi ocupada pelos “cossacos”. A palavra “cossaco” deriva do turco *kazak*, que significa “guerreiro livre” ou “homem livre”. Os cossacos que se instalaram nas estepes ucranianas no século XVI, eram em geral originários da Polônia, Lituânia e de Moscou e geralmente estavam fugindo do regime de servidão imposto em seus locais de origem (KAPLAN, 2012).

Conforme Gordon (1983),

Os cossacos gozavam de certa imagem positiva entre diferentes classes na Ucrânia, como camponeses e senhores, devido ao fato de, no século XVI, terem lutado principalmente contra os turcos e os tártaros. Neste momento, a Ucrânia não possuía a estabilidade política necessária para o estabelecimento da exploração agrícola, colonização efetiva e crescimento de centros urbanos. Os senhores de terra precisavam de proteção para as terras e camponeses, de modo a garantir a produção. Desta forma, nobres, camponeses e cidadãos de diferentes maneiras apoiavam a atuação dos cossacos, permitindo que eles, num acordo implícito, saqueassem e afastassem os muçulmanos das fronteiras (GORDON, 1983, p. 11).

Segundo Magocsi (1996),

Entre 1793 e 1795 ficou definida a partilha da Polônia entre a Prússia, a Áustria e a Rússia, que ficou inicialmente com os territórios situados à leste do Rio Dniepre, enquanto a Áustria ficou com a Ucrânia Ocidental (com o nome de província da Galícia). Em 1796, a Rússia passou a dominar também territórios a oeste do Rio Dniepre, região seria chamada de "Nova Rússia". Em que pese o fato de que as promessas de autonomia da Ucrânia conferidas pelo tratado de Pereiaslav nunca se materializaram, os ucranianos tiveram um papel importante no seio do Império Russo, participando das guerras contra as monarquias europeias orientais e o Império Otomano e ascendendo por vezes aos mais altos postos da administração imperial e eclesiástica russa. Posteriormente, o regime czarista passou a executar uma dura política de "russificação", proibindo o uso da língua ucraniana nas publicações e em público (MAGACSI, 1996, p. 30).

4. QUESTÕES GEOPOLÍTICAS NA UCRÂNIA

As questões geopolíticas na Ucrânia estão ligadas a conflitos com a Rússia que não respeita a soberania dos países membros da CEI e permanece alimentando o totalitarismo da URSS, como se a CEI fosse uma continuidade dela.

4.1 A adesão à CEI

A CEI – Comunidade dos Estados Independentes, é uma organização criada para manter as antigas repúblicas da URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, unidas em uma cooperação econômica dos países soviéticos, com sede em Minsk, capital da Bielorrússia. Esta iniciativa foi tomada conjuntamente pela federação Russa, Ucrânia e Bielorrússia. As demais aderiram posteriormente, porém as três repúblicas bálticas (Estônia, Lituânia e Letônia) se recusaram a aderir, devido a eterna relação conflituosa com a Rússia.

Conforme Ribeiro,

Em setembro de 1991, no final da Guerra Fria, as repúblicas soviéticas num referendo político estabeleceram sua independência política da URSS e, principalmente, sua mudança político-econômica através da Perestroika e Glasnost. Neste momento, é impulsionado o surgimento de vários blocos econômicos como a União Europeia, cuja ideia veio a incentivar a criação de uma cooperação econômica dos países soviéticos (RIBEIRO, 2016, p. 1).

Com a desintegração da URSS, a Federação Russa, junto com a Ucrânia e a Bielorrússia, iniciaram em 8 de dezembro de 1991 uma reunião propondo uma cooperação econômica entre os estados recém independentes buscando manter a influência e relação política soviética, porém, respeitando a soberania política de cada nação. Esta reunião é conhecida como o Acordo de Minsk que resultou na proposta oficial de criação da CEI (RIBEIRO, 2016, p. 1).

Entretanto o acordo só se concretizou no fim de 1991, com a assinatura do Tratado de Alma-Ata, no Cazaquistão. Neste momento, aderem à CEI os países: Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão, Moldávia, Quirguistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Posteriormente, em 1993, a Geórgia aderiu a CEI. Porém, o país saiu em 18 de agosto de 2008 após um referendo popular que repudiava o apoio russo a independência das províncias de Abkhasia e Ossétia do Sul. Este acordo substituiu o modo de produção socialista pelo capitalismo, adotando política de livre comércio e privatizações, com moeda única, o rublo.

A principal proposta da CEI era instituir uma cooperação econômica entre os membros, além de desenvolver e fortalecer relações de amizade e ajuda mútua. Entretanto parece evidente que o apoio do ocidente foi fundamental, quando se incluiu a Rússia no G7, pois assim se valorizava/reconhecia o país como potência, ao tempo que através dela que liderava a CEI, se mantinha o arsenal atômico distribuído por todas as repúblicas, sob controle russo, e

possivelmente preservado de acesso ao radicalismo islâmico que ameaçava sobretudo as repúblicas na Ásia Central. Este fato é explicitado pela população local que afirmam “é preferível manter um poder totalitário político, com garantia de outras liberdades, do que ter democracia plena que permita a ascensão do radicalismo islâmico” (Guia de Turismo do Uzbequistão, em 07/2019).

Como afirma Oliveira (2013),

A cooperação tornou-se necessária por conta da interdependência econômica das nações soviéticas. Com o fim da URSS as novas nações teriam dificuldade de se estabelecer individualmente. Por exemplo, somente a Rússia concentrava 60% da produção industrial, tendo a Ucrânia 20%, a Bielorrússia 10% e os demais países somando 10%. Esta desigualdade industrial fez com que os países dependessem entre si da produção industrial e de seu mercado de consumo. Outro motivo que estimulou a cooperação é o recesso econômico da URSS, com alta inflação, moeda desvalorizada, que viria a aniquilá-la. A Rússia tornou-se a principal herdeira das dívidas econômicas da URSS (OLIVEIRA, 2013, p. 10).

Os países membros da CEI enfrentam uma onda de diversos movimentos e conflitos separatistas por conta da diversidade étnica ou religiosa. Por exemplo, o conflito da Rússia com a Geórgia sobre a Ossétia do Sul e Abkázia, da Rússia com a Ucrânia em disputa da Criméia, na própria Rússia em disputa com os separatistas da Tartária e Chechênia-Inguchétia e Daguestão que reivindicam sua independência e, por fim, o conflito entre Armênia e Azerbaijão sobre a Nagorno-Karabakh.

Em março de 2004 a Ucrânia, um dos idealizadores da CEI, ameaçou se retirar da Comunidade provocando uma crise política. O motivo de sua saída é devido ao conflito do país com a Rússia que apoia a independência da Criméia, que foi cedida a Ucrânia, na época da Guerra Fria.

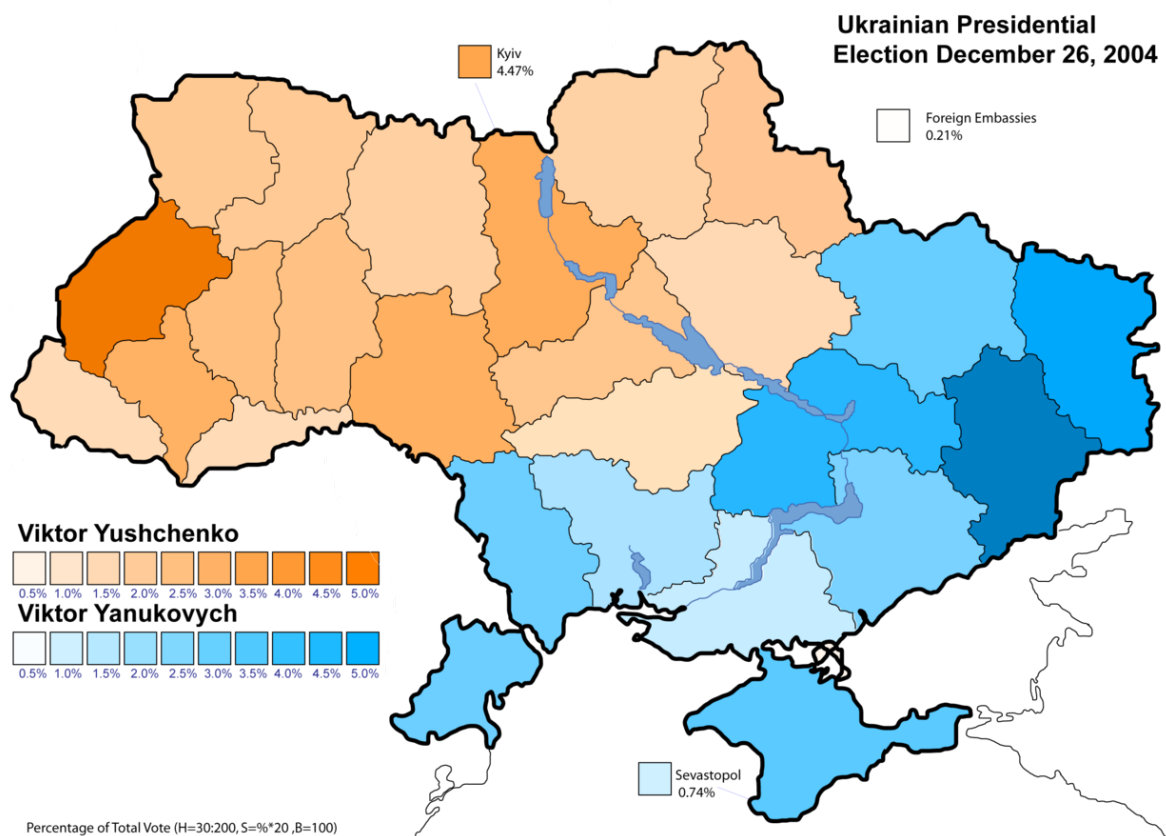
No ano de 2011 é noticiado a criação de uma zona de livre comércio entre 9 países da CEI: Armênia, Rússia, Ucrânia, Bielorrússia, Cazaquistão, Moldávia, Quirguistão e Tajiquistão. Este acordo é visto como uma forma de evoluir a cooperação econômica na CEI. Posteriormente outros fatos marcaram a história da CEI.

4.2 A Revolução Laranja

A crise causada pelas eleições de 2004, a chamada “revolução laranja” de 2004, foi na verdade um levante popular nunca visto antes em países de origem socialistas, provocado pelas evidentes interferências da Rússia que acusava de ter havido fraudes nas eleições ucranianas de novembro, e expôs uma nítida divisão, que ainda hoje parece estar longe de uma conciliação.

Os resultados eleitorais confirmaram a decisiva clivagem regional (Figura 2) entre um centro-oeste, onde a grande maioria são de ucranianos, favorável ao "pró-ocidental" Viktor Iuchtchenko, e um sudeste, onde há predominância de população russa que apoiou massivamente o candidato "pró-russo" Viktor Ianukovitch.

Figura 2: Distribuição de votos no 2º turno das eleições presidenciais da Ucrânia (26/12/2004).



Fonte: Adaptado de História da Ucrânia (n.d). Acesso em 24.02.2023.

Na Figura 3, apresentamos o percentual da população da Ucrânia que adota o idioma russo, evidenciando o processo de russificação que predomina nas regiões próximas a fronteira russa.

Figura 3: Percentual da População que adota o idioma russo.



Fonte: Adaptado de Oliveira (2013), em 2022.

O Marco do Movimento Popular foi a concentração de aproximadamente meio milhão de pessoas na praça Maidan, no centro de Kiev, num inusitado levante contra a postura ditatorial da Rússia, reflexo da luta de influências entre Washington e Moscou que ocorria em diversas regiões do leste europeu. Muitas trocas de acusações, sendo a mais grave a tentativa de envelhecimento do candidato pró-ocidente, Iuchtchenko. Entretanto, o segundo turno, realizado em 26/12/2004 confirmou o resultado do primeiro turno, e em janeiro ele toma posse, mas a governabilidade se tornou difícil, e o país permanece enfraquecido político e institucionalmente, devido a eterna disputa entre os novos poderes, não conseguindo solucionar a “questão regional”, um fator decisivo para a estabilidade, mantendo as tensões inter-regionais.

Os conflitos com outros países se acentuaram, e evoluíram, causando novas convulsões internas.

4.3 O Conflito com Rússia em 2014

Dentro da Ucrânia existem regiões onde as populações são russófonas, como na Criméia, na região de Odessa, e junto a fronteira com a Moldávia.

A cisão destas regiões com o poder central foi confirmada nas eleições legislativas de 2006, e acentuada nas presidenciais de 2010, quando aconteceu a vitória do candidato pró-Rússia, Yanukovitch.

O aprofundamento da divisão do país agravou-se em janeiro de 2014, após o presidente pró-Rússia refutar o acordo que havia se comprometido a realizar com a União Europeia, o que ampliaria as relações do país com o bloco vizinho.

Conforme Pena (2019),

Essa decisão foi diretamente influenciada pela Rússia, que não via com bons olhos esse acordo, uma vez que a Ucrânia é um dos seus principais parceiros comerciais no continente europeu. Nesse momento, os grupos opositores ao governo constituídos majoritariamente pela população que utiliza o idioma ucraniano e que habita a porção central e oeste do país iniciaram uma onda de protestos pelas ruas das principais cidades. Os líderes desse movimento são políticos ligados ao governo anterior a Yanukovich e a partidos e movimentos de direita e de extrema-direita, com destaque para o *Udar* (soco), o *Svoboda* (liberdade) e o *Setor Direito* (PENA, 2019, p. 1).

As tensões só se agravaram e em fevereiro de 2014, o primeiro ministro renunciou ao cargo, e Yanukovich fugiu para Rússia, sendo a sede do governo ocupada pelos opositores, resultando na eclosão de ondas de protestos por toda a parte oriental do país.

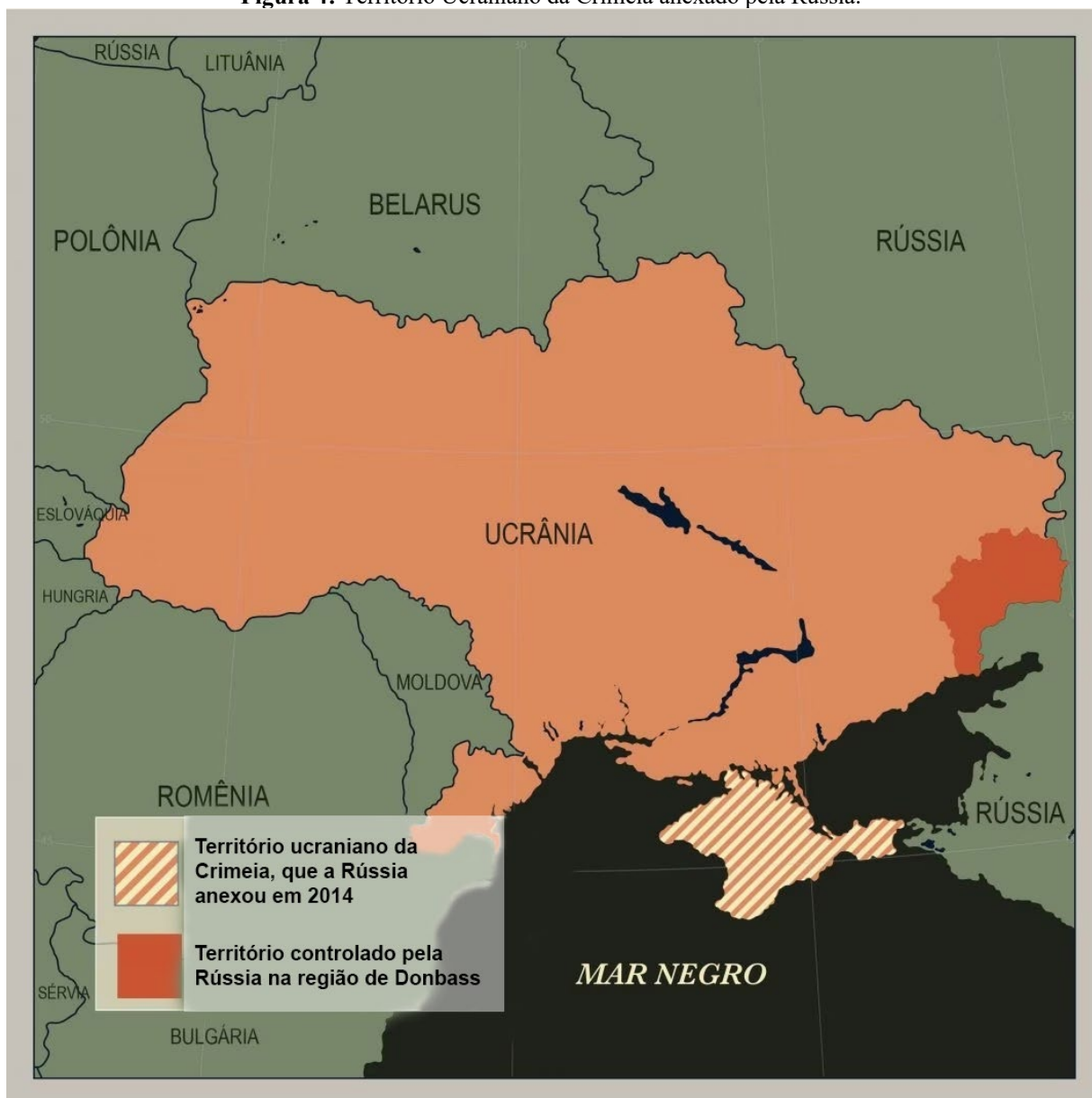
Com a desculpa de proteger a população russa, sobretudo na Criméia, militares ocuparam a região, numa afronta a soberania ucraniana. Este fato desagradou profundamente os governos ocidentais, pois não aprovam o imperialismo russo na região.

4.4 A anexação da criméia e a saída da CEI

Os militares que chegaram para “proteger” assumiram o controle político da província, estabelecendo uma zona de resistencia. A “legalização” da invasão, veio com a Lei sobre Novos Territórios Federais, através da qual a península pode ser considerada parte da Rússia, desde o momento que foi imposto a assinatura do acordo intergovernamental entre os países, em 18 de março de 2014. O período de transição terminou em 01 de janeiro de 2015.

Sanções foram impostas, mas a situação continuou sem solução, muito provavelmente para evitar enfrentamento direto com a Rússia.

Figura 4: Território Ucrainiano da Crimeia anexado pela Rússia.



Fonte: Adaptado ShareAmerica (2019). Acesso 24.02.2023.

Segundo Fernandes,

O processo de anexação não é reconhecido pela Ucrânia, que contesta o tratado, não reconhecendo a independência da Crimeia e Sevastopol e considera a própria anexação como ilegal, afirmando que o território continua formando a República Autônoma da Crimeia e cidade especial de Sevastopol. O Secretário-Geral da OTAN, Anders Fogh Rasmussen e vários líderes mundiais condenaram as ações da Rússia como uma anexação ilegal. Esta adesão pela Rússia, provocou a pior crise nas relações entre o Oriente e o Ocidente desde o fim da Guerra Fria (FERNANDES, 2019, p. 5).

A esmagadora maioria da população da Crimeia (94%) e Sevastopol (96%) avalia positivamente as consequências de entrar na República da Federação da Rússia, de acordo com o fundo de "opinião pública". FOM publicou os resultados de uma pesquisa telefônica realizada

entre os dias 18 até 22 de abril de 2015 entre 1.671 entrevistados na República da Crimeia, e entre os 494 entrevistados em Sevastopol. E de acordo com sociólogos, há um ano, a inclusão da Crimeia pela Rússia é aceita por 90% dos moradores da república e 93% dos moradores de Sevastopol. Aliás nada mais obvio já que são regiões onde a população russa é mais de 50%, se associado os seus descendentes, os dados são compatíveis.

Todos os acontecimentos ocorridos desde a anexação, contribuíram para que a Ucrânia decidisse deixar a CEI – Comunidade de Estados Independentes, em 19/05/2018, estabelecendo obrigatoriedade de vistos para cidadãos russos, e elaborando um plano para evacuar os soldados e suas famílias da Crimeia, e os levar rápida e eficientemente para a Ucrânia continental.

5. ANÁLISE DA SITUAÇÃO UCRANIANA

A Ucrânia tem uma situação geopolítica peculiar, pois só veio a ser nação independente em 1991, com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, nome que o império russo assumiu quando abraçou o comunismo. O país esteve sempre atrelado a Rússia desde os promórdios da sua história, terminando como República “Autônoma” da URSS. A falsa independência a partir do fim da Guerra Fria, a manteve atrelada à Rússia, quando foi imposta a adesão a CEI, que nada mais é que uma estratégia do ocidente de manter as armas nucleares dos “novos países independentes” sob o controle da Rússia, com medo da ameaça islâmica, na maioria deles.

Esta deferência feita a Rússia, fez com que ela se sentisse fortalecida para alavancar o seu espírito imperialista, e com a Ucrânia não foi diferente, pois a partir do momento em que o país começou a tomar posições independências politicamente, as interações começaram a acontecer, como nas eleições de 2004, 2006, e 2010. Também começaram a surgir os levantes de apoio à Rússia, nas regiões de maioria étnica russa e seus descendentes.

O ápice de tudo foi a invasão e anexação da Crimeia em 2014 e a cidade de Sebastopol. Tudo isso acirrou a disputa interna, com a porção oriental, onde se concentra a maioria russa que prefere uma aproximação com a Rússia, e a porção ocidental, onde vive a maioria ucraniana que prefere aproximação da Europa, e possível ingresso na União Europeia.

A Ucrânia tem grande possibilidade de sofrer uma sesseção, devido as pesadas pressões internas e externas, sobretudo por parte da Rússia. Por outro lado a Ucrânia vive uma das piores crises de sua história, com economia em frangalhos, e sua entrada na EU seria desastrosa, pois a pobreza aumentou de 8% para 55% de 2014 a 2017.

Enfim, apesar das sanções impostas à Rússia, Moscou testa os limites da reação do ocidente, que utiliza medidas paliativas, como sanções, mas a obsessão de Putin em refazer a antiga URSS, a qualquer custo, como forma de se posicionar frente ao undo como um novo Czar, só complica a situação da Ucrânia que caminha para o colapso se nada for feito.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação da Ucrânia é claramente um conflito de interesses econômicos e territoriais, envolvendo a União Europeia, a OTAN, EUA e Rússia. O conflito em questão, tem caráter claramente geopolítico e, evidencia que existe a intenção, de enfraquecimento da Ucrânia, assim como a intenção de se criar um país que vá abrir oportunidades de investimentos para empresas transnacionais, sobretudo europeias, ligadas sobretudo a mineração, sem a interferência de um “poder já estabelecido e consolidado”.

O grande é a existência de população de origem russa disseminada por várias regiões do país, que não são “nativos”, o que pode levar a consolidação do pan-eslavismo russo, que vem se tornando problemático no contexto europeu.

O coramento de toda insanidade russa, que quer se mostrar como real potencia militar que na verdade não é mais, culminou com a invasão da Ucrânia, em 24.02.2022, quando esse trabalho já estava concluído para publicação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. **Territorialidade, desterritorialidade, novas territorialidades: os limites do poder local**. IN: Santos, M. ; Souza, M. ^a de; Silveira, M. L. (org.) Território; Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1996.

ANTUNES, C. **Geografia e participação: Europa, Ásia, África e Oceania**. São Paulo: Scipione, 1991.

COSTA, W. M. **Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre Território e o Poder**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1992.

EUA CONDENAM A PERSEGUIÇÃO AOS TÁRTAROS DA CRIMEIA POR PARTE DA RÚSSIA. **WIKIWAND**. (26.04.2019). Disponível em: <https://share.america.gov/pt-br/eua-condenam-a-perseguiçao-aos-tartaros-da-crimea-por-parte-da-russia/>. Acessado em 24.02.2023.

FERNANDES, J. P. T. **A Europa perdida no mundo da geopolítica**. 2021. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2021/02/19/mundo/noticia/europa-perdida-mundo-geopolitica-1951231>> Acesso em 29.04.2021.

GORDON, L. **Cossack Rebellions: social turmoil in the sixteenth-century Ukraine**. Albany: State University of New York Press, 1983.

HISTÓRIA DA UCRÂNIA. WIKIWAND. (s.d). Disponível em: https://www.wikiwand.com/pt/Hist%C3%B3ria_da_Ucr%C3%A2nia. Acessado em 24.02.2023.

KAPLAN, R. **The revenge of geography: what the maps tell us about coming conflicts and the battle against fate**. New York: Random House. 2012.

MAGOCSI, P. R. **A History of Ukraine**. Toronto: University of Toronto Press, 1996.

OLIVEIRA, A. U. de. **A Comunidade dos Estados Independentes (CEI)**. In: ROSS, Jurandy. Geografia do Brasil. São Paulo: EDUSP, 2013.

PENA, R. F. A. "**A Questão da Crimeia**"; *Brasil Escola*. 2015 Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-importancia-estrategica-crimea.htm>. Acesso em 10 de maio de 2021.

RIBEIRO, L. N. **Comunidade dos Estados Independentes (CEI)**. 2016. Site oficial da CIS. <https://www.infoescola.com/geografia/comunidade-dos-estados-independentes-cei/>. Acesso em 07.05.2021.

VENSENTINI, J. W. **Fundamentos: Teorias geopolíticas e escolas geopolíticas**, 2005 Disponível em: <http://www.geocritica.hpg.ig.com.br/geopolitica.htm>. Acessado em 12.12.2021.